



COMO VENHO ME TRANSFORMANDO EM PROFESSOR PESQUISADOR DE ARTES VISUAIS

How I have been transforming myself into a Visual Arts professor and researcher

Henrique Lima Assis¹

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Jataí

RESUMO

Narrar o processo de como venho me transformando em professor pesquisador de Artes Visuais é a intencionalidade deste artigo e a oportunidade de partilhar preocupações metodológicas iniciais relacionadas à pesquisa *Educação Estética e Visual em Jataí, Goiás: As contribuições do Museu de Arte Contemporânea*. Como professor das disciplinas *Arte e Educação I e II*, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Jataí – FE/UFJ, esta proposição investigativa se faz necessária e urgente visto que, de natureza qualitativa, amparada nas Pesquisas Documental, Bibliográfica e Questionário de Opinião Pública, seus resultados me permitirão sistematizar e aprofundar saberes e fazeres sobre educação estética e visual e suas relações com os museus de Arte e com as escolas e os Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI).

PALAVRAS-CHAVE

Professor de Artes Visuais pesquisador. Educação estética e visual. Museu de Arte Contemporânea. Pesquisas documental, bibliográfica e questionário de opinião pública.

ABSTRACT

How I have been transforming myself into a Visual Arts professor and researcher is the intent of this article and an opportunity to share initial methodological concerns related to the research Aesthetic and Visual Education in Jataí, Goiás: The Contributions of the Museum of Contemporary Art. As a professor of the subjects Art and Education I and II, of the Pedagogy course, at the Faculty of Education of the Federal University of Jataí – FE/UFJ, this investigative proposition is necessary and urgent since, of a qualitative nature, supported by Documentary Research, Bibliographic and Public Opinion Questionnaire, its results will allow me to systematize and deepen knowledge and practices about aesthetic and visual education and its relationships with Art museums and with schools and Municipal Early Childhood Education Centers (CMEI).

KEYWORDS

Visual Arts professor and researcher. Aesthetic and Visual Education. Museum of Contemporary Art. Documentary Research, Bibliographic and Public Opinion Questionnaire.

¹ Pós-Doutor em Arte e Cultura Visuais/UFG, Doutor em Educação/UNICAMP, Mestre em Cultura Visual/UFG (2007), Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino/UNIVERSO (2005) e Licenciado em Artes Visuais/UFG (2003). É professor do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Jataí - FE/UFJ.



Palavras iniciais

Em 2021, prestei o concurso público e fui aprovado para exercer o cargo de professor das disciplinas Arte e Educação I e II, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Jataí/FE-UFJ. Essa aprovação desenhou uma curva acentuada em minha caminhada como professor, concursado há quase vinte anos para atuar na Educação Básica nas Redes Estadual e Municipal de Educação de Goiás e de Goiânia, respectivamente. Nesses anos de efetivo exercício docente, venho acompanhando e participando do desenvolvimento de estudantes e professoras/es em seus processos individuais e coletivos de formação estética — quantas aprendizagens, quantas experiências e quanta gratidão!

E em Jataí, Goiás, um começo e um recomeço. Um começar totalmente novo ao exercer a função docente para as/os licenciandas/os em Pedagogia, professorandas/os de bebês e de crianças, cujas abordagens são diferenciadas dos adolescentes, jovens e adultos com os quais convivia e trabalhava. Um recomeçar em um novo território, não tão novo assim, já que é o lugar “onde a Vida escolheu para me fazer nascer [...] onde vivi uma parte da minha vida” (Brandão, 2005, p. 13), porém, repleto de desafios para continuar desenvolvendo meu ofício docente e minha identidade e subjetividade jataiense, junto das

[...] outras pessoas [que] como eu foram destinadas a nascer e viver. Outros rios mais ao Sul nascem em “terras do Brasil” e escolhem desaguar num mar de lugares iguais a outros, onde alguns mesmos pássaros cantarão do mesmo modo os mesmos cantos. Mas lugares próximos e distantes onde os seres humanos falam com ouros tons e acentos uma língua de consoantes e vogais iguais à minha (Brandão, 2005, p. 13).

Ao retornar para minhas origens, uma série de memórias e histórias foram lembradas, suscitando e oportunizando ressignificações das relações há décadas estabelecidas entre a cidade, a família, a profissão e o Museu de Arte Contemporânea. Neste universo simbólico, minha efetivação como professor do curso de Pedagogia/FE-UFJ é uma das motivações para o desenvolvimento da investigação *Educação Estética e Visual em Jataí, Goiás: As contribuições do Museu de Arte*



Contemporânea, visto que é necessário estabelecer conexões e desdobramentos em minhas atribuições de professor universitário, praticando a indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, conforme anuncia o Art. 207 da Constituição Federal.

Ao longo desses anos dedicados ao meu processo formativo, vivendo as experiências que me transformaram no professor de Artes Visuais, doutor em Educação, eu venho compreendendo muitas coisas, entre elas: que as investigações são modos pessoais de observação, entendimento e produção de mundos e que todo processo de conhecer é igualmente um processo de autoconhecer. Ou seja, toda investigação é uma investigação de si. Para Martins *et al* (1990, p. 142), todas as ações humanas são intencionalidades e

[...] esta intencionalidade é um comportamento dirigido a alguma coisa no mundo. A consciência tem essa capacidade e o sujeito que vive a experiência está fazendo isso. No entender de Husserl, não há fase ou aspecto da consciência humana que surja de si e por si própria; consciência é sempre consciência de alguma coisa não havendo fenômeno que não seja fenômeno para uma consciência.

Nesse contexto de inspiração fenomenológica, o investigar torna-se uma possibilidade preciosa para conhecer e reconhecer, acolher e indagar as travessias pelas quais cada um/a atravessou na histórica geografia de saberes e fazeres que, socialmente estabelecidas, modelaram identidades e desenharam subjetividades.

Indagações iniciais motivam o pesquisar e se transformam em maneiras de desejar uma e não outra verdade. Ao interrogar o sabido, o assentado, nossas consciências são ampliadas e as pesquisas praticadas se transformam em imagens reveladoras das maneiras pelas quais fomos e estamos introduzidos nos jogos do saber, que são sempre jogos de identidade e de poder. Nesse contexto, Corazza (2002, p.125, grifos da autora) afirma que não escolhemos, em um armário de metodologias, esse ou aquele procedimento

que melhor nos atende, mas somos “escolhidas/os” (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou.



Para socializar esse processo, dividi a narrativa em duas partes. Uma foi tecida com as experiências investigativas oficiais desenvolvidas na graduação e na pós-graduação, sempre muito bem acompanhado, produzimos o TCC, a Dissertação e a Tese, que, de estudante, me transformaram no professor de Artes Visuais pesquisador que sou. Ou melhor, que estou, visto que, esse processo é infinito, e ao apresentar, na outra parte, a investigação *Educação Estética e Visual em Jataí, Goiás: As contribuições do Museu de Arte Contemporânea*, que inaugua minha jornada como professor-pesquisador-extensista, me permito imaginar quais serão as implicações desse novo caminhar nas transformações do professor pesquisador de Artes Visuais que sou ...

Experiências na graduação e na pós-graduação que me transformaram no professor de Artes Visuais pesquisador que sou

Na graduação em Artes Visuais – Licenciatura, realizada na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás - FAV/UFG, entre os anos de 1999 e 2003, experimentei, pela primeira vez, minhas capacidades científicas de indagar, observar e explorar documentos para agrupar, analisar e compreender melhor o universo da formação de professores. Hoje, em 2024, reconheço que a indagação: Quais são as experiências que transformam uma pessoa em um/a professor/a de Artes Visuais? me acompanha há anos. E, para respondê-la, vivi diferentes experiências na graduação e na pós-graduação. Ou melhor, a indagação/preocupação/curiosidade foi sendo percebida, explorada e desenhada com maior precisão e paixão no mestrado e no doutorado.

Uma das exigências do curso de graduação era o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso/TCC. Ressalto que a minha turma foi a primeira de formação de professores de Artes Visuais na história da UFG a escrever um TCC. O meu foi escrito com mais três colegas¹, devido à falta de professores que pudessem nos orientar individualmente. Decidimos, depois de muitas conversas e reflexões, traçar o percurso histórico da Licenciatura em Artes Visuais na UFG. O especial dessa experiência foi que, além de termos conhecido a história da formação de professores de Artes Visuais no Brasil e em Goiás, pudemos nos reconhecer nela. Denominamos



o TCC como “Percurso Histórico da Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás”. De caráter histórico e documental, conforme Assis *et. al* (2003, p. 03), ele se materializou a partir da realização de

[...] um levantamento bibliográfico da história do ensino de arte no Brasil e, também, uma leitura das seis grades curriculares referentes à Licenciatura em Arte na UFG (Instituto de Artes – IA/Faculdade de Artes Visuais – FAV) [...] A partir destas grades, foi feita uma análise de caráter qualitativo, evidenciando as disciplinas, reincidências temáticas, alterações de carga horária e adequações referentes às habilitações.

Investigar e redigir nosso TCC, traçando o percurso histórico da Licenciatura em Artes Visuais na UFG, colaborou para a definição dos temas que, desde então, venho estudando como, especialmente, a história e a teoria da arte educação no Brasil e a formação de professores de Artes Visuais. Na UFG, a Licenciatura em Desenho e Plástica foi criada em 1974, amparada pela lei de 1968, que imprimia uma abordagem tecnicista. Em 1984, mais uma modificação curricular: a proposição da Licenciatura em Educação Artística, que assumiu o caráter polivalente e, em 1999, foi transformada em Licenciatura em Artes Visuais, sendo implementada em 2000. Para construirmos as análises de cada modificação curricular, examinamos leis e normatizações para a formação de professores em nível superior e seus desdobramentos e influências na formação de professores de Artes Visuais.

Ter participado dessa experiência relacionada à pesquisa, buscando artigos científicos e livros diversificados que versavam sobre o tema (Pesquisa Bibliográfica), bem como olhar, explorar, agrupar e indagar as matrizes curriculares (Pesquisa Documental) fortaleceu minha compreensão sobre a ação de pesquisar e meu entendimento sobre a eficiência do currículo como instrumento de construção de identidades e subjetividades. Mais do que isso, suscitou a continuidade de meus estudos na pós-graduação. Em especial, permitiu me posicionar de modo mais sensível, imaginativo, compreensivo, crítico e criativo diante das práticas escolares cotidianas que venho praticando desde então.

Inserido nesse contexto, Silva (2011, p. 15) me ajudou a compreender que no fundo



[...] das teorias do currículo está, pois, uma questão de "identidade" ou de "subjatividade". Se quisermos recorrer à etimologia da palavra "currículo", que vem do latim curriculum, "pista de corrida", podemos dizer que no curso dessa "corrida" que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos. Nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjatividade.

Reconheço que estava, e ainda estou, "inextricavelmente, centralmente, vitalmente" envolvido no curso da "corrida" que o currículo é e que as pesquisas são. Nesse correr, observando as paisagens de meu percurso, elaborei e desenvolvi uma outra experiência investigativa que me permitiu aproximar de minha indagação primordial — quais são as experiências que transformam uma pessoa em um/a professor/a de Artes Visuais? — a partir de outros ângulos. Realizado e esperançoso, iniciei em março de 2005 as aulas no Programa de Pós-Graduação em Cultura Visualⁱⁱ, na FAV/UFG, e defendi a dissertação, "Outros Modos de Ver: imagens cinematográficas no ensino de Artes Visuais", em março de 2007.

No mestrado, também produzi um minucioso levantamento bibliográfico e realizei uma análise documental, explorando dez planos de ensino desenvolvidos por professoras/es de Artes Visuais de Goiânia, para as/os estudantes do Ensino Médio. Essas ações foram importantes e necessárias, pois revelaram o lugar, ou melhor, o não lugar das imagens técnicas, em especial as imagens cinematográficas, no contexto do ensino e da aprendizagem em Artes Visuais.

Ao mesmo tempo que produzia essa parte inicial da pesquisa, fazendo o levantamento bibliográfico e analisando os planos de ensino, o não lugar das imagens cinematográficas em minha vida, tanto na dimensão de fazedor e/ou espectador quanto na de professor, responsável por deflagrar experiências arte-educativas em torno das imagens, sejam elas artesanais ou técnicas, foi igualmente revelado. Assim, pela primeira vez, exercitei as dores e as delícias da escrita reflexiva em primeira pessoa.

Percebido o cenário, me indagava se essa ausência era motivada ou pela falta de conteúdos relacionados às imagens técnicas nos currículos que formavam as/os



professoras/es de Artes Visuais, deixando-as/os mais inseguras/os para exercer a docência; ou pela falta de recursos materiais e financeiros nas unidades escolares, que dificultariam e até inviabilizariam o desenvolvimento de ações educativas que enriqueceriam as capacidades expressivas e comunicativas das/os estudantes; ou pelo desinteresse das/os estudantes em compreender essa expressão artística.

A necessidade de discutir a prevalência das imagens artesanais sobre as imagens técnicas nas práticas arte-educativas, especialmente nas minhas, estava posta. Para melhor compreender essa ausência na formação estética e visual das/os estudantes da Educação Básica e das/os professoras/es de Artes Visuais do Ensino Superior, precisei me apropriar de algumas estratégias procedimentais e de alguns encaminhamentos político-pedagógicos da Pesquisa-Ação e da Pesquisa Docente. Nesse contexto reflexivo e de novas aprendizagens, Assis (2009, p. 51) afirma que a

[...] Pesquisa-Ação acrescenta ao processo de pesquisa uma ação que, transformadora, modifica as concepções do grupo social inserido na pesquisa, gerando assim, outros modos de ver, conhecer e agir, tanto dos pesquisadores quanto dos pesquisados. A Pesquisa Docente, estreitamente ligada à educação, propõe uma reflexão-nação, segundo a qual, a análise e a interpretação da própria prática resultam em tomadas de consciência na relação ensino aprendizagem, mudanças de paradigmas e na criação de conhecimentos específicos ligados à atuação docente.

Na continuidade da pesquisa, desenhei um conjunto de aprendizagens para ser vivenciado durante um semestre letivo, com as/os estudantes da segunda série do Ensino Médio, com as/os quais eu trabalhava, em uma escola da Rede Estadual localizada na Região Noroeste de Goiânia. Alimentaram as aulas a possibilidade delas/es interagirem, a partir dos pressupostos teóricos e práticos da Cultura Visual, com as imagens cinematográficas elaboradas pelos irmãos Lumière e Georges Méliès e vivenciarem experiências poéticas e técnicas, criando curtas, em um plano sequência de 01 minuto de duração. Para produzirem seus curtas, elas/es foram desafiadas/os a buscarem aproximações com elementos da cinematografia desses pioneiros do cinema mundial e a refletirem as relações vividas no ambiente escolar.

Ao viver o mestrado, experimentando essas abordagens metodológicas, especialmente a Pesquisa Docente, tive descortinado um universo rico de



possibilidades investigativas que se tornou especial para mim, como o ofício da/o professor/a, as memórias e as identidades docentes, os ciclos de vida, entre outras tantas possibilidades. Essa experiência me permitiu, mais uma vez, olhar para a minha indagação primordial — quais são as experiências que transformam uma pessoa em um/a professor/a de Artes Visuais? — de outros ângulos para propor a investigação doutoral “Casas como museus: narrativas afetivas de professores de Artes Visuais”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educaçãoⁱⁱⁱ, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - FE/UNICAMP.

Amparado na Pesquisa Narrativa e na Pesquisa com Histórias de Vida, pude, porque adquiriram sentidos especiais e necessários, desenvolver algumas crenças. Entre elas: a de que todas as vidas são importantes e merecem ser ouvidas com atenção, carinho e respeito; a de que ao pesquisar as experiências de colegas, conhecerei melhor as tradições e o legado de minha profissão; a de que as experiências vividas e depois lembradas e narradas tecem redes que nos ligam, uns aos outros, em muitas dimensões; a de que precisamos construir atitudes investigativas mais reflexivas e propositivas em relação às nossas práticas docentes; a de que as narrativas são experiências de reelaboração e difusão do vivido e que sua utilização remonta ao início da humanidade e se realizam por meio de relatos, depoimentos, histórias, vídeos, desenhos e muitas outras possibilidades expressivas.

Ao me tornar um professor de Artes Visuais doutor em Educação, fui entendendo que essas abordagens experienciais e biográficas são apropriadas para as áreas da Educação e das Artes. Esse processo ocorreu porque percebia que elas possibilitavam viver, a um só tempo e espaço, situações investigativas e formativas, ao investigar minha própria vida e compreender processos, conceitos, ideias por meio do produzido na investigação, resultando na produção de conhecimentos sobre mim, sobre os outros e sobre o mundo cotidiano.

Souza (2006, p. 26) afirma que a Pesquisa Narrativa e a Pesquisa com Histórias de Vida se legitimam como investigação porque a “produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação” deve ser obrigatoriamente vinculada ao processo investigativo. É formação porquanto parte do entendimento “de que o



[professor-artista-investigador] toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e de investigador da sua própria história”, ou da história dos outros, para conhecer aspectos significativos da escola e suas dimensões.

Apoiado nessas concepções e práticas, minha experiência doutoral exigiu de mim um olhar cuidadoso e uma escuta sensível para perceber aspectos fundamentais sobre como uma pessoa é formada, transformada em um/a professor/a de Artes Visuais. Desse modo, produzi os dados empíricos, utilizando os aportes das Entrevistas Narrativas e Não diretivas. Essa escolha foi motivada porque elas são consideradas técnicas de coleta de dados que privilegiam a autonomia, a liberdade e a condução das narrativas pelas/os entrevistadas/os e não pelas/os entrevistadoras/es, como geralmente ocorre em outras técnicas.

Nesse universo, Jovchelovitch e Bauer (2014, p. 95) classifica a Entrevista Narrativa como sendo um método de pesquisa qualitativa e a considera uma maneira de

[...] entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia de entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas. No modo pergunta-resposta, o entrevistador está impondo estruturas em um sentido tríplice: a) selecionando o tema e os tópicos; b) ordenando as perguntas; c) verbalizando as perguntas com sua própria linguagem.

E com relação a Entrevista Não Diretiva, Michelat (1980, p. 192-193) afirma que esta modalidade tem por inclinação contornar certos cerceamentos

[...] das entrevistas por questionário com perguntas fechadas que representam o polo extremo da diretividade. Com efeito, numa entrevista por questionário, existe estruturação completa do campo proposto ao entrevistado, este só pode responder as perguntas que lhe são propostas nos termos formulados pelo pesquisador e enunciados pelo entrevistador que detém o monopólio da exploração quando não o da inquisição [...] é igualmente possível que as perguntas sejam mal escolhidas ou mal formuladas e [...] o entrevistado talvez se coloque problemas em termos completamente diferentes do que o pesquisador imagina. Além disso, as respostas que lhe são impostas talvez não correspondam à própria dimensão que teria tido uma significação para ele.



Por fim, ao experimentar essas abordagens metodológicas, compreendi que uma narrativa é sempre um fenômeno de subjetivação, de intertextualidade, de encontros, assim como de conflitos e confrontos. Igualmente, compreendi que produzir sentidos sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo é uma demanda vital, tão necessária e inteiramente dependente das narrativas que ouvimos, que contamos, que escrevemos, que lemos. Ao mesmo tempo, dependente das imagens que produzimos ou consumimos, das músicas que ouvimos, dos filmes a que assistimos, das comidas que comemos, das brincadeiras que brincamos e, em especial, das pesquisas que pesquisamos.

As experiências da investigação Educação Estética e Visual em Jataí, Goiás: As contribuições do Museu de Arte Contemporânea que inaugura minha jornada como professor-pesquisador-extensista

Como afirmo na parte inicial, retornar para Jataí, para a minha cidade natal, na qualidade de professor das disciplinas Arte e Educação I e II, do curso de Pedagogia – FE/UFJ, suscitou uma série de memórias e histórias e a permissão para resignificá-las. Assim, reconheci, mais uma vez, como oportunidade para continuar o ofício narrador, especialmente das questões relacionada às Artes Visuais e seu ensino. Bem como a possibilidade de enriquecer e diversificar minhas relações com a cidade, com minha profissão e com o Museu de Arte Contemporânea. Inserido nesse universo cultural e simbólico, tornou-se necessária a investigação *Educação Estética e Visual em Jataí, Goiás: As contribuições do Museu de Arte Contemporânea*.

Neste momento, então, me encontro “inextricavelmente, centralmente, vitalmente” (Silva, 2011, p. 15), envolvido no currículo das aulas, das pesquisas e das extensões que, de agora em diante, desenvolverei na condição de professor universitário, reconhecendo que esta investigação demarca, inaugura uma nova etapa em minha caminhada formativa. Aonde esse caminho me conduzirá? Quais experienciais viverei? Em qual professor pesquisador de Artes visuais me transformarei? Inserido nesse contexto de incertezas, me questiono se *Educação Estética e Visual em Jataí, Goiás: As contribuições do Museu de Arte Contemporânea* me permitirá ver, observar e problematizar, mais uma vez, e de um outro ângulo, minha indagação primordial —



quais são as experiências que transformam uma pessoa em um/a professor/a pesquisador/a de Artes Visuais?

Apoiado, então, nas orientações procedimentais e conceituais da Pesquisa Bibliográfica, da Pesquisa Documental e do Questionário de Opinião Pública, pretendo: a) identificar as contribuições do MAC de Jataí no desenvolvimento da educação estética e visual das/os habitantes da cidade; e b) sistematizar e aprofundar meus estudos sobre educação estética e visual em museus de arte, com ênfase na organização do trabalho pedagógico com bebês e crianças, público-alvo das/os estudantes do curso de Pedagogia.

Teremos como principais procedimentos da pesquisa: 1) o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica minuciosa “a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 1987, p. 71), relacionados à educação estética e visual e ao papel dos museus e das escolas nesse processo; 2) a pesquisa documental atenta e cuidadosa nos arquivos do MAC de Jataí, especialmente, os Livros de Registro de Frequência, criando uma tabela que sistematize, quantitativamente, informações sobre a frequência da comunidade jataiense, principalmente as/os estudantes de Educação Básica; e 3) a realização de um levantamento sobre o envolvimento das/os habitantes da cidade com o MAC por meio de um questionário de Opinião Pública, via plataforma Google. E, por fim, ao concluir a produção e sistematização dos dados, eles serão relacionados e/ou confrontados qualitativamente com a literatura estudada, procurando compreender a influência do MAC na formação estética e visual das/os habitantes da cidade.

Por agora, considero que

Os instantes de minha vida aqui narrados, evidenciam o processo pelo qual venho atravessando para me transformar em professor pesquisador de Artes Visuais. No exercício de tramar o vivido, de trançar palavras em frases e em parágrafos fui reconhecendo e reafirmando a relevância de explorar os movimentos imaginativos, cognitivos e afetivos da experiência, por meio do trabalho de narrar.



Ao tecer, fui convocado a ir ao passado e ao futuro e recordar o vivido e sonhar um viver. Ao passado, indo aos detalhes mais relevantes desse meu transformador explorado as pesquisas desenvolvidas enquanto estudante da graduação e da pós-graduação. Ao futuro, devaneando e imaginando quais serão as pesquisas praticadas e orientadas por mim, como professor universitário? Quais implicações desse novo caminhar em meu transformar professor pesquisador de Artes Visuais constante.

Para os arremates finais, retomo minha indagação primordial — quais são as experiências que transformam uma pessoa em um/a professor/a de Artes Visuais? — reconhecendo meu horizonte enriquecido e complexificado aos ter evidenciado, nesta narrativa, minha dimensão questionadora e problematizadora de pesquisador, daquele ser ensina a pesquisar e pesquisa para ensinar, redesenhado a pergunta para *quais são as experiências que transformam uma pessoa em um/a professor/a pesquisador/a de Artes Visuais?*

Referências

ASSIS, Henrique Lima *et al.* **Percurso histórico da Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

ASSIS, Henrique Lima. **Outros modos de ver**: imagens cinematográficas no ensino de artes visuais. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **As flores de abril**: movimentos sociais e a educação ambiental. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 abr 2024.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos** – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, Joe.; BOEMER, Magali Roseira; FERRAZ, Clarice Aparecida. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. Revista da Escola de



Enfermagem da USP, São Paulo, 24(1):139-147, abr. 1990. DOI: 10.1590/0080-6234199002400100139. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315946976_A_FENOMENOLOGIA_COMO_ALTERNATIVA_METODOLOGICA_PARA_PESQUISA_ALGUMAS_CONSIDERACOES. Acesso em: 15 abr 2024.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. In: THIOLLENT, Michel (Org.). **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980. p. 191-212.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino**. Salvador: EDUNEB: EDIPUCRS, 2006.

Notas

ⁱ Agradeço às colegas Ana Lúcia Nunes, Fernanda Moraes de Assis e Suelma Vieira por compartilhar comigo a experiência de criação do TCC e à professora Dra. Leda Guimarães pelas afetuosas orientações.

ⁱⁱ Minha gratidão à professora Dra. Alice Fátima Martins pelas muitas sugestões e provocações preciosas, colaborando com a minha formação em professor de Artes Visuais mestre em Cultura Visual.

ⁱⁱⁱ E à professora Dra. Ana Angélica Albano minha gratidão pelas orientações cuidadosas, poéticas e problematizadoras, sempre incentivadoras no encontro de minha própria voz, ao me formar professor de Artes Visuais doutor em Educação.